



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Secretaria Geral Parlamentar
Secretaria de Documentação
Equipe de Documentação do Legislativo

JUSTIFICATIVA - PL 0051/2020

A presente proposição tem por finalidade denominar o logradouro público livre inominado existente entre a Rua Florencio Sanches, altura do nº 2488, com a Rua João Gregório Lemos, com a Rua Delmiro Gouvêia no Distrito do São Lucas, Setor nº 118 - Quadra F486, na Subprefeitura da Vila Prudente de Praça Antonio Martins.

ANTONIO MARTINS

Nascido em Portugal no dia 06/01/1895, veio ao Brasil com 18 anos, antes de servir ao exercito.

Chegando ao Brasil foi trabalhar com o Sr. Salvador Mola, família muito antiga da Vila Ema que tinha uma chácara de caqui e um açude com muita água, na altura do 3.700. No verão muitas crianças morriam afogadas, pois vinham brincar, até de outros bairros: Vila Prudente e Vila Alpina, pois era uma distração para as crianças de 1913.

Antonio casou-se com Alzira Ventura e tiveram três filhas: Aurora, Rosa e Isaura. Sua esposa faleceu quando foi ter o quarto filho na hora do parto. Nessa altura ele comprou um terreno na Av. Vila Ema número 2.980 e construiu uma casa e passou a residir nesse local, onde fez uma chácara de verduras. Ele e as filhas trabalhavam na chácara e vendiam verduras no mercado Municipal no Parque D. Pedro II em uma carroça com três burros.

Ele viúvo conheceu Alzira, minha mãe, que era amiguinha das filhas dele, no qual pertencia a família dos Fett (Francisco Fett e Sophia Braun eram os pais dela).

Na época muito novo e alzira com 16 anos, tornou-se esposa e mãe de três filhas dele.

A família dela não queria esse casamento, mas quando há amor nada se impede.

Nesse tempo não existia contraceptivos e tiveram 15 filhos, três faleceram, mas com as três do primeiro casamento continuaram 15, os nomes de todos são: Aurora, Rosa, Isaura, Clotilde, Alice Maria, Valdemar, Nelson, Nilse, Bernardino, Ademar, Sophia, José, Sérgio e Darli.

A Igreja Vila Ema começou sendo uma capela do patrão do meu pai, Sr. Salvador, que deu a capela para a Dona Maria Luiza Rocha, uma católica muito dedicada e fervorosa, iniciar suas atividades que até então estavam abandonadas. Ela me ensinou o catecismo e eu fiz a primeira comunhão nessa capela, pois ela preparava as crianças e ia na Cúria Metropolitana de São Paulo conseguir um padre para fazer esse sacramento.

O Padre Monsenhor Ladeira veio fazer a minha primeira comunhão em 1959. O Santo e o São Luciano, que o Sr. Salvador trouxe da Itália. Não havia padres para essa capela pequena e a Dona Maria só conseguia quando acontecia algo especial, mas fora isso ela com os moradores faziam novenas e terços no mês de maio e outubro, principalmente.

Depois de alguns anos o Sr. Salvador tirou a capela dos católicos apostólicos romanos e deu para a igreja brasileira livre, padres casados. Os católicos ficaram sem igreja e a Dona Maria Rocha organizou-se e comprou o terreno onde hoje é a Igreja Nossa Senhora Aparecida e S. Luciano. Os moradores pagavam uma mensalidade por mês pela compra do terreno organizado pela Dona Maria e seu esposo José Rocha.

A Dona Maria ainda é viva e hoje tem 97 anos e mora na Rua João Graeber, na Vila Ema. Mais tarde, aquela capela feita de madeira se tornou a igreja como é conhecida hoje.

Antonio Martins e a família da mamãe eram bem de vida e tinham muitas terras desde os fios da light, altura da Av. Vila Ema, 4.500, até as linhas correntes, da Av. Vila Ema para quem vai para o Oratório.

Antonio recebeu a herança da mamãe e começou um loteamento, isso em 1950, e colocou os nomes das filhas nas ruas como: Rua Sophia, Rua Nilse, Rua Maria, Rua Isaura e Rua Clotilde, a vila tem o nome de Vila Darli até hoje, mas os nomes das ruas foram retirados, pois só podem ser de pessoas falecidas.

Com o dinheiro desse loteamento construiu o prédio onde hoje é a padaria Trigoal, nº 2.916 da Av. Vila Ema. Antonio Martins trabalhou muito para criar e educar seus 15 filhos, pois na época não tinha luz, água encanada e asfalto.

A gleba do meu pai era até Rua Lupe Cotrim Garaude, antiga rua Nilse, e do meu tio Jacob Fett a área da escola Rua Bartolomeu Correa Bueno, então meu pai doou para a escola Municipal Cleomenes Campos o CDM Vila Darli e Jardim Tereza e meu tio a outra.

Outro Terreno foi doado à Prefeitura Municipal de São Paulo para o melhoramento do local na Av. Anhaia Mello com a Rua Manuel da Costa, o meu pai deu de um lado e meu tio Jacob Fett do outro, até a Lessing, onde está localizado o depósito de inservíveis, pois fez outro loteamento. O terreno tem muito valor, mas esta pouco aproveitado poderiam fazer um mercado municipal ou outros melhoramentos.

Além da chácara, ele criava porco, galinha, plantava milho etc. Para o consumo da casa, tinha uma vaca para dar o leite a família.

O porco era criado com milho e restos de comida, lembro-me de levar alimento ao porco em uma tigela redonda de sopa, só que quando joguei no coxo a tigela foi junto, papai me bateu, ainda por ter quebrado a tigela. Plantava milho e depois nós comíamos assado na brasa. Tinha uma cocheira onde ficava a vaca e os burros.

Lá também tinha uma churrasqueira feita com tijolos e ferro por cima. Na época da colheita do milho ele assava, e naquele tempo comia-se sem sal, somente o milho assado. No dia de matar o porco começávamos cedo, umas sete horas, ou antes. Era uma festa! Principalmente por minhas irmãs mais velhas e os genros também virem ajudar. Quando matavam o porco nós, as crianças ajudavam a segurar uma frigideira com um pouco de sal e uma colher de pau para mexer o sangue, para não talhar. A faca que papai usava era de dois gumes e ficávamos segurando a frigideira e pegando o sangue, as vezes espetava a faca no coração do porco e ele não morria, então eles falavam que tinha alguém com dó do porco, por isso ele não morria. O sangue enchia uma frigideira grande e era usado para fazer sarrabulho, com os moídos do porco e sangue. Comia-se isso com arroz, tinha uma porção que colocavam a gordura na mesa comprida e os cunhados e meu pai Antonio cortavam o tocinho. Fervia a gordura do porco que virava banha e ficava o torresmo. A noite fazia churrasco com a melhor parte do porco. A carne ficava pendurada e cada um cortava seu bife, usava-se só sal e punha na chapa. Comprava pão e punha a carne no meio.

Ele tinha uma caixa de madeira que guardava a carne, não tinha geladeira, salgava bem a carne e punha lá dentro para depois ser usado durante o ano. Tinha o galinheiro e as crianças pequenas debulhavam o milho para as galinhas, que ficavam em volta para comer o milho. No galinheiro tinha um pé de lima Persa que ficava carregado de laranjas amarelinhas.

Meu pai tinha um pé de amora que nós fazíamos suco e geleia. No pombal criava-se pombas que era sustentadas com milho de manha e a tarde. Fazia-se uma canja com elas, que naquele tempo eram limpas. Ele plantava uva rosada e preta no qual fazia vinho, além de pés de mexerica, abacate, banana e o Sr. Afonso e o filho vinham para ajudar papai na plantação de eucaliptos.

Embaixo da sala tinha dois porões que era a casinha onde nós brincávamos.

Papai e mamãe davam presentes para as crianças no Natal e na Páscoa, cozinhavam ovos e pintavam com a casca de cebolas e com uma plantinha que também colocaria os ovos. Fazíamos brincadeiras do coelho no jardim, cada um deixava seu ninho e de manhã íamos procurar o ninho no jardim.

No Natal papai reunia todos os filhos(as) e tinha um forno onde assava bolos na cozinha com um fogão a lenha.

De tarde nós levávamos café ao papai e os outros dois que trabalhavam distante de casa em uma cesta igual do chapeuzinho vermelho. Um vizinho da chácara fazia cestas de bambu para colocar os bebês.

No fundo da chácara tinha um rio onde bambus faziam a cerca, a água era limpa e com peixes, onde hoje é a Av. Luís Ignácio Anhaia Mello. Com o passar dos anos o rio começou a transbordar por conta do número de pessoas e casas que começaram a residir no local, antes existiam apenas chácaras onde alemães predominavam.

Mandou os filhos para a escola na época Sr. Alberto e Sra. Eugenia Serau Soeghtrop alemães: oito filhos deles tiraram o diploma. Os mais novos depois que o papai ficou viúvo foram no André Ohi. Porque a escola alemã já não existia mais, o professor faleceu e acabou a escola.

Antonio Martins no dia de ir ao mercado levantaram ainda no escudo para colher alface, para chegar fresquinha colocavam vidro no chão que brilhava para enxergarem o corte da alface.

A lua brilhava no vidro para clarear. Antonio não sabia ler, só assinava o nome, mas viveu uma vida de muito trabalho para criar seus filhos, porém tranquila em outros aspectos; Ele sabia muitos ditados populares, sempre dizia para nós, filhos, "Barriga cheia sim, luxo não" ou "Entre o céu e a terra há muitos mistérios".

Dos filhos de Antonio Martins hoje são apenas 4, os outros já faleceram, mas deixaram filhos e hoje a família é muito grande, e se ele estivesse vivo teria tataranetos. Vivos: Sophia e Darli. Sr. Antonio faleceu dia 13/02/1970 com 75 anos no Beneficência Portuguesa - São Paulo.

Diante do exposto, conto com o apoio dos nobres pares na aprovação da presente medida visto que se reveste de interesse público para denominação do logradouro público inominado.

Este texto não substitui o publicado no Diário Oficial da Cidade em 11/03/2020, p. 94-95

Para informações sobre o projeto referente a este documento, visite o site www.saopaulo.sp.leg.br.